



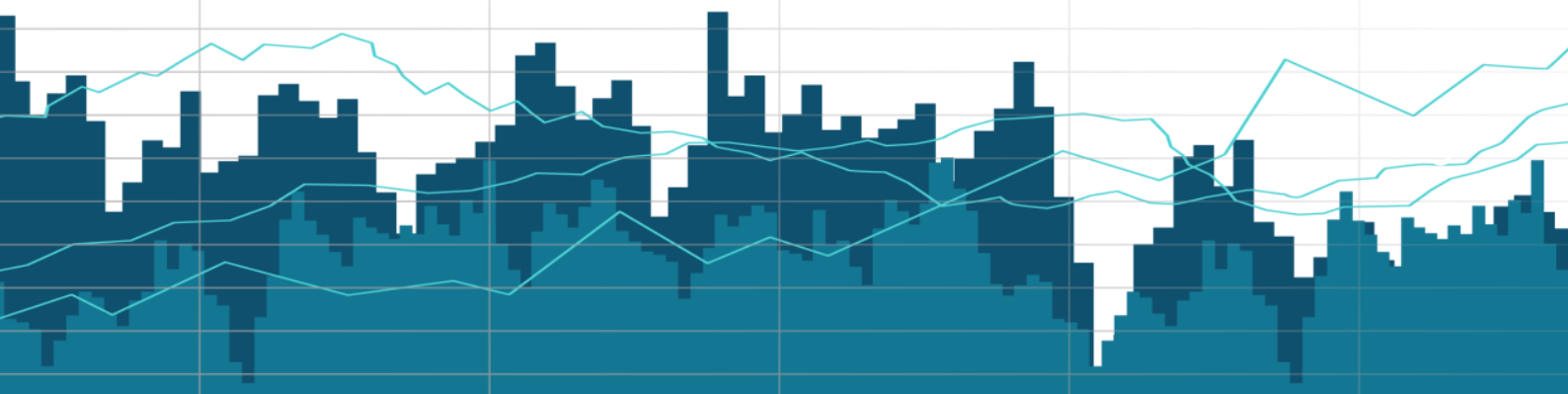
ABRIL 2016

**CARTA DE CONJUNTURA DO
SETOR DE SEGUROS**



Sumário

Palavra do presidente.....	4
Objetivo.....	5
1. Carta de Conjuntura	6
2. Estatísticas dos Corretores de SP	7
3. Análise macroeconômica	10
4. Análise do setor de seguros.....	15
4.1. Receita de seguros	
4.2. Receita de seguros por tipo.....	17
4.3. Receita de resseguro local e capitalização	18
4.4. Receita do segmento de saúde suplementar	20
4.5. Reservas	21
4.6. Rentabilidade do setor.....	22
5. Previsões	24



Mensagem do Presidente

Momento de esperança pela retomada do crescimento

Neste mês a Carta de Conjuntura retrata o momento delicado de nosso País, que ainda passa pela crise econômica e política e aguarda decisões sobre os rumos do governo para poder deslanchar. É um momento de esperança que haverá mudanças que influenciarão de maneira rápida e direta nossa economia.

Em termos econômicos e financeiros, não existe dúvida quanto à dificuldade pelo que passa o País, fato que já tem atingido o setor de seguros.

O comportamento da economia tem influência direta no mercado de seguros, o que mostra que o segmento sempre perde pela queda do PIB. Por outro lado, há certo ganho, em termos nominais, pelo aumento da inflação. É assim que o mercado de seguros tem demonstrado crescimento, mas não evoluído. No que tange à receita, quando consideramos somente a advinda dos produtos típicos de seguros, mas ainda sem considerar as operações de saúde suplementar, a variação acumulada até agora em 2016 é de 1%, para um patamar inflacionário de 10%. Como comparação, no ano inteiro de 2015, a variação anual foi nominalmente positivo, de 5%.

Não é novidade dizer que, em 2015 e nesse início de 2016, os números econômicos do País têm sido bem ruins, por diversos indicadores. No entanto, a existência de novos fatos políticos, sinalizando uma possível diminuição no grau de incerteza da economia em um prazo mais curto, reflete diretamente em alguns números econômicos – como o dólar comercial, que teve queda expressiva em março.

A expectativa dos economistas é que, a partir do segundo semestre de 2016, haja também melhora em outros indicadores, ou, pelo menos, diminuição nas perdas. Todos esses fatores podem ter influência direta no segmento de seguros.

O mercado de seguros mais uma vez se mostra resiliente, dinâmico e criativo. Independente das decisões políticas que podem promover a retomada de crescimento do País, aproveitando todo nosso potencial de expansão, o mercado tem procurado nichos e oportunidades para se manter em desenvolvimento.

Não pode haver País desenvolvido se não contar com um mercado de seguros forte, por isso é papel de todos os profissionais da cadeia produtiva criar um cenário de desenvolvimento. Estamos confiantes em nosso país e prontos para o trabalho.



Alexandre Camillo

Presidente do Sincor-SP

Objetivo

O objetivo desta **Carta de Conjuntura do Setor de Seguros** é ser uma avaliação mensal da quantidade de corretores e das diversas subdivisões de seus setores relacionados (resseguro, capitalização etc). Além disso, aborda a correlação do setor de seguros com aspectos macroeconômicos do País e com outros segmentos da economia. Mensalmente, diversos tópicos desse setor são avaliados, com uma análise das suas tendências e projeções.

Nesse sentido, o estudo está dividido em quatro capítulos:

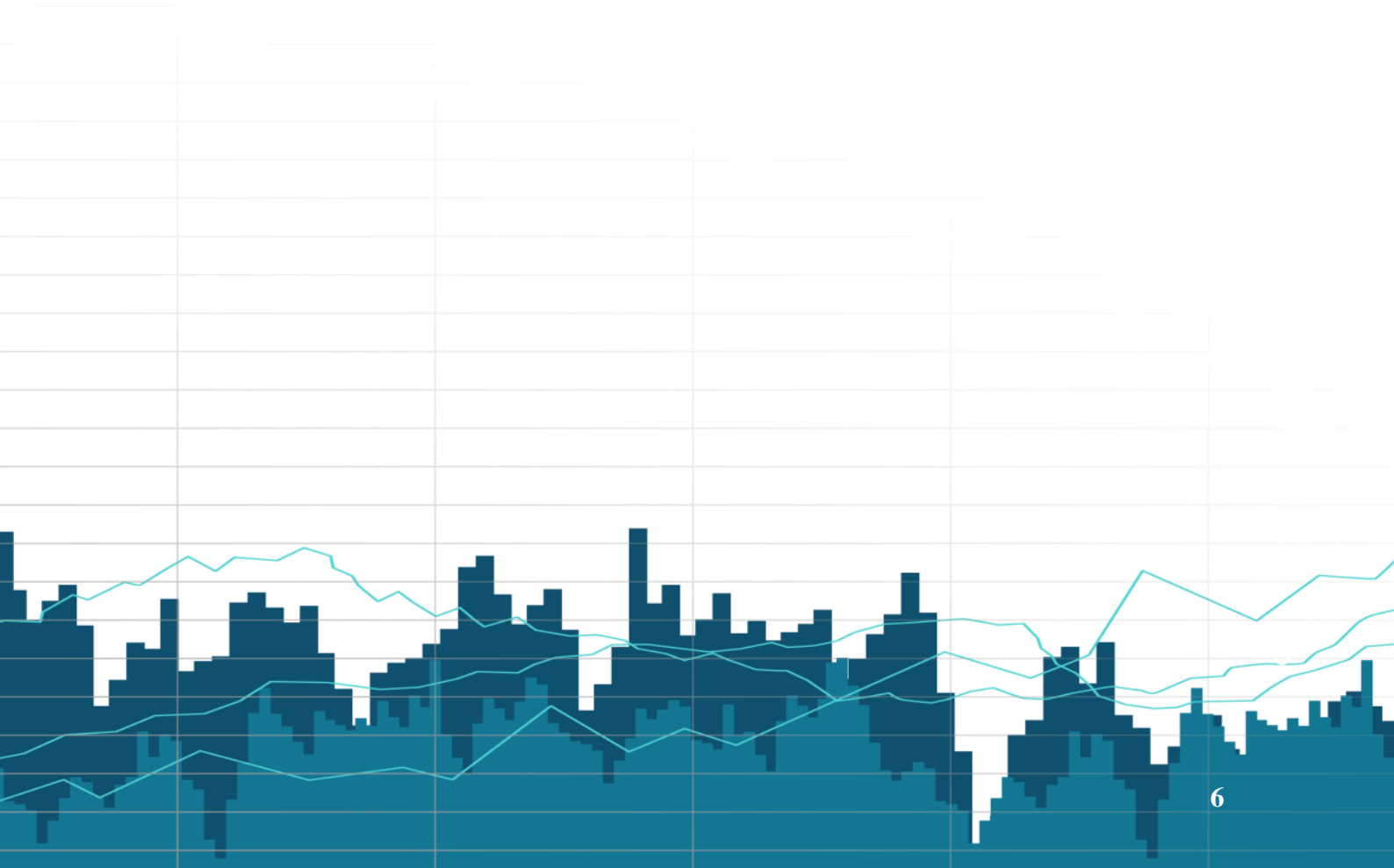
- ✓ Inicialmente, a “Carta de Conjuntura”, com um resumo e as conclusões principais;
- ✓ No segundo capítulo, temos números dos corretores de seguros no Estado de São Paulo, em suas diversas subdivisões;
- ✓ Em seguida, a análise da situação macroeconômica do País, com a divulgação de seus principais valores e expectativas;
- ✓ Na quarta parte, avaliação de diversos aspectos do setor de seguros, com a separação por ramos;
- ✓ Por fim, as projeções para 2015 e 2016.

Expectativa com as mudanças econômicas

Em termos econômicos e financeiros, não existe dúvida quanto à dificuldade econômica pelo que passa o País. Esse fato, aos poucos, têm atingido o setor de seguros. Por exemplo, em termos de receita, quando consideramos somente a receita dos produtos típicos de seguros (os ramos automóvel, pessoas, residencial, empresarial etc), mas sem considerar as operações de saúde suplementar, a variação acumulada até agora em 2016 é de mais 1%, para um patamar inflacionário de 10%. Como comparação, no ano inteiro de 2015, a variação anual foi nominalmente positivo, de 5%.

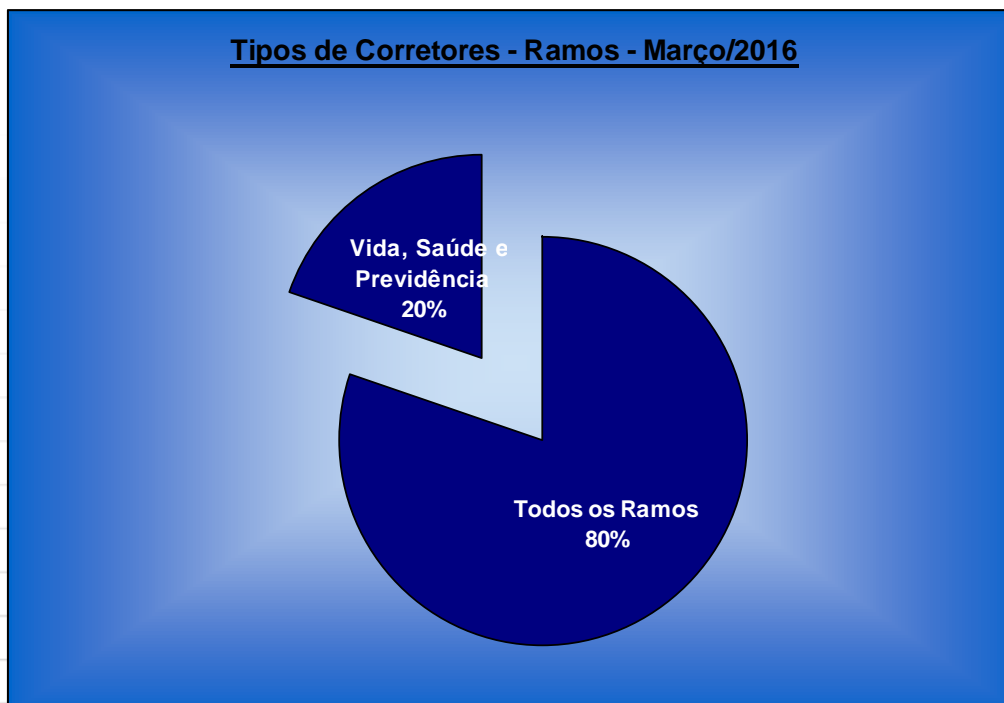
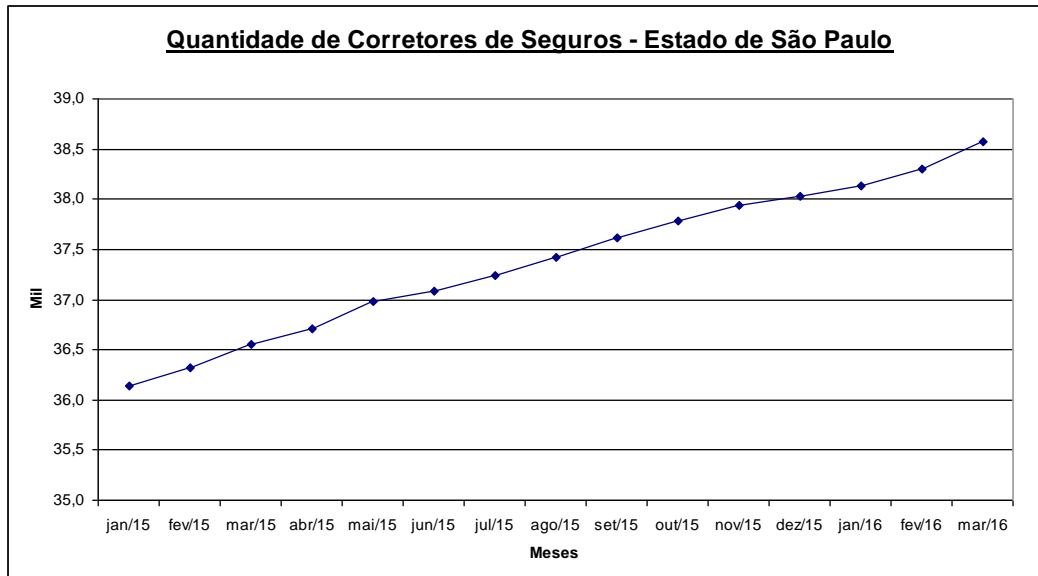
Entretanto, um aspecto importante registrado nesse último mês foi a existência de novos fatos políticos, sinalizando uma possível diminuição no grau de incerteza da economia em um prazo mais curto. Em consequência disso, houve cenário mais favorável em alguns números econômicos, como o comportamento do dólar comercial, que teve queda expressiva em março.

Agora, a expectativa dos agentes econômicos é que, a partir do segundo semestre de 2016, haja também melhora em outros indicadores (ou, pelo menos, diminuição nas perdas registradas e acumuladas nos últimos tempos). Todos esses fatores podem ter influência direta no segmento de seguros.

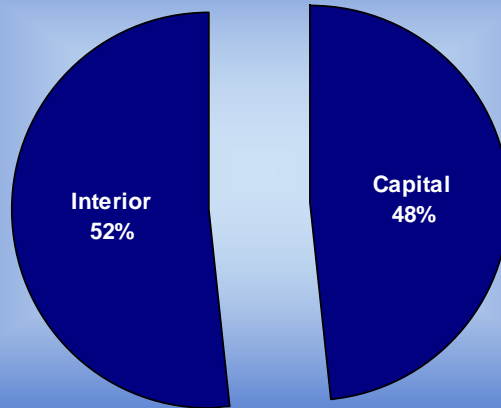


2. Estatísticas dos Corretores de SP

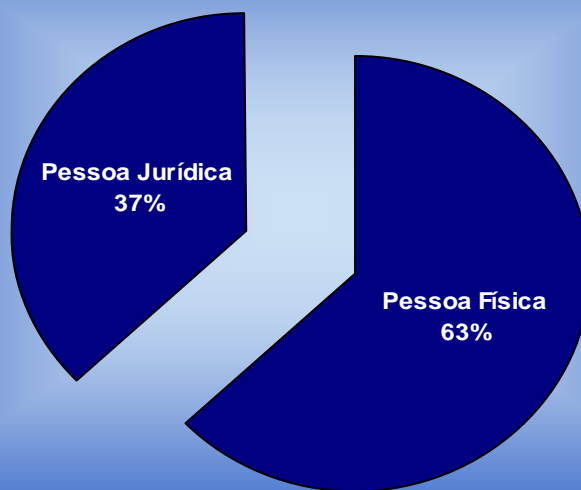
Apresentamos, a seguir, informações sobre os corretores de seguros do Estado de São Paulo, em dados de 2015 e 2016.



Corretores - Localização - Março/2016



Tipos de Corretores - Origem de Capital - Março/2016



Na tabela 1, uma evolução dos números nos últimos 12 meses.

**TABELA 1 – QUANTIDADE DE CORRETORES DE SEGUROS (MIL)
12 MESES | SÃO PAULO**

Quantidade (mil)	mar/15	mar/16	Var. %
Todos os Ramos	29,2	30,9	6%
Vida, Saúde e Previdência	7,3	7,6	4%
Total	36,6	38,6	6%
Quantidade (mil)	mar/15	mar/16	Var. %
Capital	17,8	18,7	5%
Interior	18,8	19,9	6%
Total	36,6	38,6	6%
Quantidade (mil)	mar/15	mar/16	Var. %
Pessoa Física	23,1	24,2	5%
Pessoa Jurídica	13,5	14,4	7%
Total	36,6	38,6	6%

Na análise dos números, os seguintes pontos se destacam:

- Ao final de março, o total de corretores de seguros no Estado de SP era de 38,6 mil, sendo 63% corretores pessoas físicas e 37% corretoras pessoas jurídicas. Em 12 meses, tivemos uma variação total de 6% nesse número.
- Dois motivos explicam esse movimento crescente. Primeiro, o interesse profissional maior da sociedade por tal segmento, o de distribuição de seguros. Segundo, por razões fiscais (possibilidade de tributação pelo simples), muitos corretores pessoas físicas se tornaram também empresas. Observar que, por isso, nesses últimos 12 meses, a variação do montante das corretoras pessoas jurídicas (7%) é um pouco maior do que a das corretoras pessoas físicas (5%).
- Desse total de corretores existentes no Estado, 80% se especializam em todos os ramos; e 20% em vida, previdência ou saúde. Outra característica importante é que, na Cidade de São Paulo, estão localizadas 48% das corretoras existentes em todo o Estado.

3. Análise macroeconômica

Apresentamos abaixo o comportamento de algumas variáveis macroeconômicas relevantes para o setor de seguros. Inicialmente, na [tabela 2](#), uma avaliação histórica dos dados e, na [tabela 3](#), um comparativo dos números com os valores do ano passado, para o mesmo período.

TABELA 2 – INDICADORES RELEVANTES PARA O SETOR DE SEGUROS – MENSAL

Indicadores	nov/15	dez/15	jan/16	fev/16	mar/16
IGP-M	1,52%	0,49%	1,14%	1,29%	0,51%
Dólar de Venda, Final do Mês (R\$)	3,8865	3,9480	4,0243	4,0035	3,5963
Veículos Produção (mil)	175,1	142,9	150,1	136,9	195,3
Veículos Licenciados (mil)	195,2	227,8	155,3	146,8	179,2
Índice de Confiança do Comércio (ICEC)	80,1	79,9	80,9	80,6	80,9
Índice de Confiança da Indústria (ICI)	74,8	75,9	76,2	74,7	75,1

Fontes: ANFAVEA, RENAVAN, FGV, CNI, CNC, IPEADATA

TABELA 3 – INDICADORES RELEVANTES PARA O SETOR DE SEGUROS – COMPARATIVO – VALORES ATÉ MARÇO

Indicadores	2015	2016	Var. %
IGP-M	2,02%	2,97%	47%
Dólar de Venda, Final do Mês (R\$)	3,2317	3,5963	11%
Veículos Produção (mil)	667,6	482,3	-28%
Veículos Licenciados (mil)	674,3	481,3	-29%
Índice de Confiança do Consumidor (ICEC)	93,9	80,9	-14%
Índice de Confiança da Indústria (ICI)	79,7	75,1	-6%

Fontes: ANFAVEA, RENAVAN, FGV, CNI, CNC, IPEADATA

A [tabela 4](#) apresenta a evolução média de algumas previsões do setor, segundo estatísticas condensadas mensalmente pelo Banco Central entre todas as instituições financeiras. Na [tabela 5](#), temos a comparação das previsões dos indicadores para o final de 2016, com previsões feitas hoje e há, exatamente, 12 meses.

TABELA 4 – PREVISÕES MÉDIAS – AO FINAL DE CADA MÊS – MENSAL

Indicadores	nov/15	dez/15	jan/16	fev/16	mar/16
IPCA em 2016	6,64%	6,87%	7,26%	7,57%	7,31%
Dólar em final de 2016 (R\$)	4,20	4,21	4,35	4,35	4,15
Var. PIB em 2016 (%)	-2,04%	-2,95%	-3,01%	-3,45%	-3,66%

Fonte: Boletim Focus, Bacen

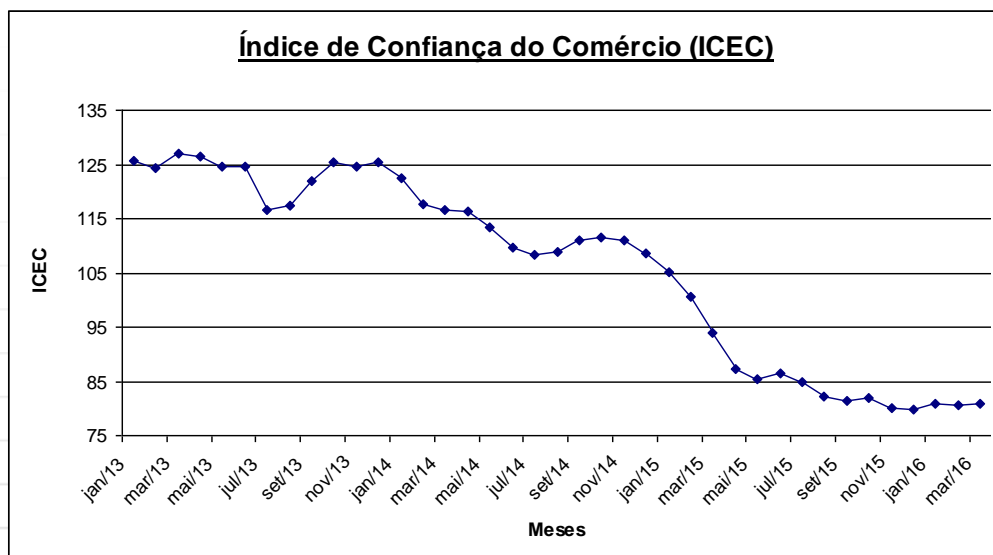
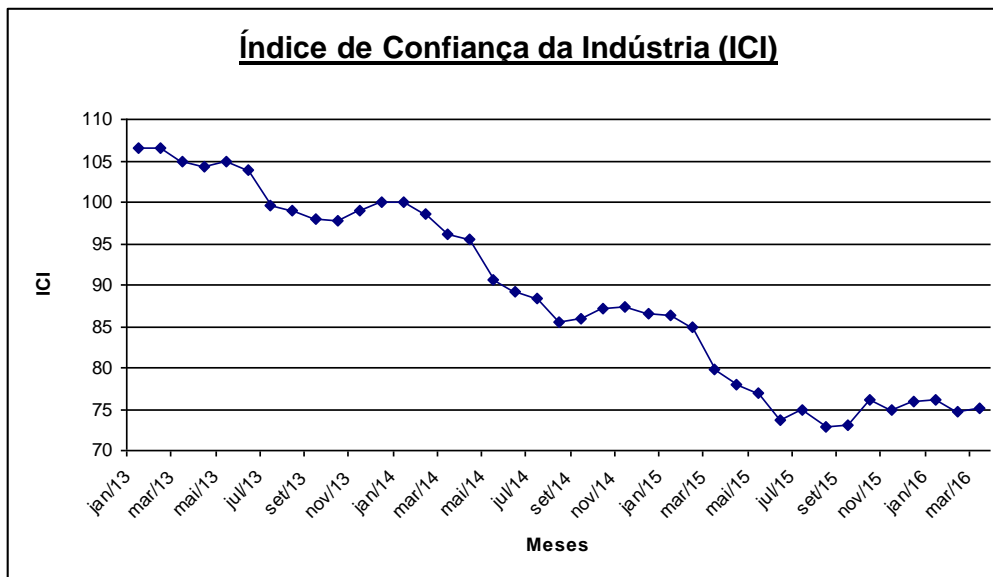
TABELA 5 – PREVISÕES MÉDIAS – COMPARATIVO – FINAL DE MARÇO

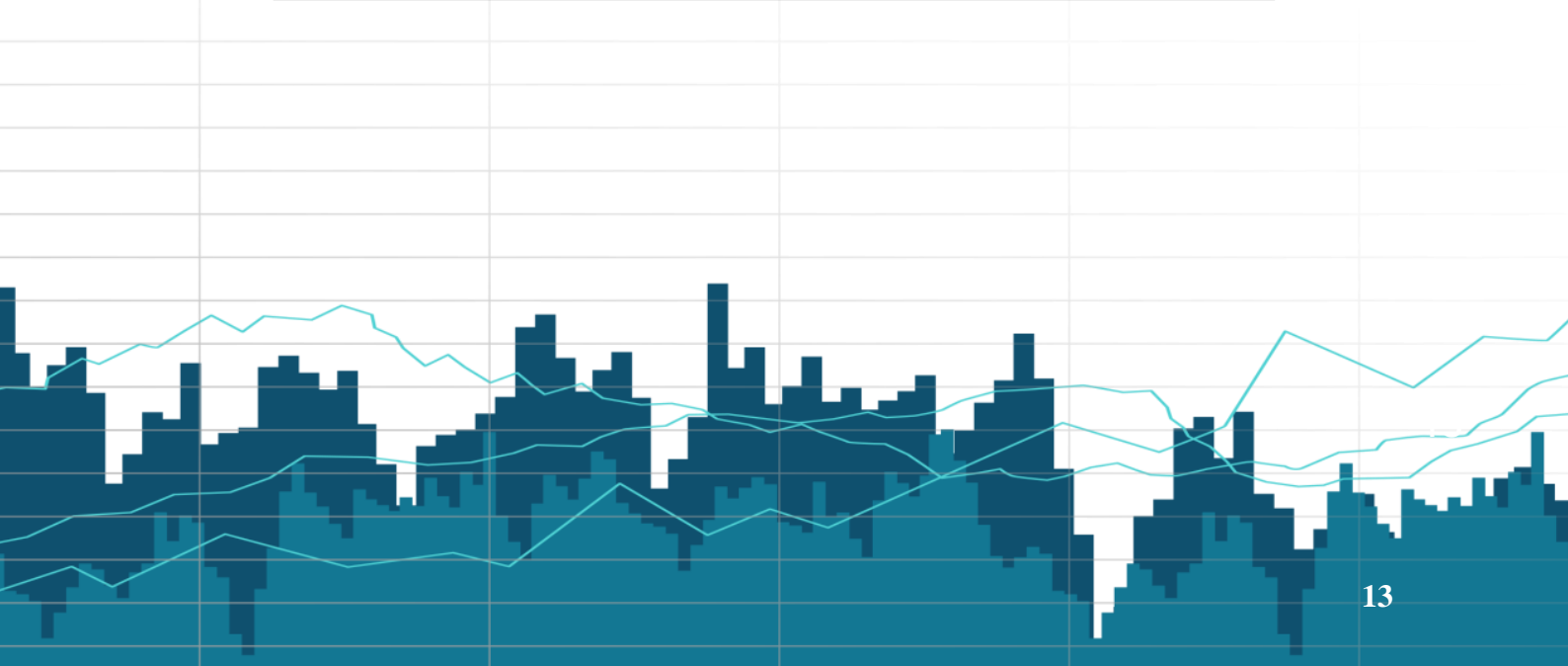
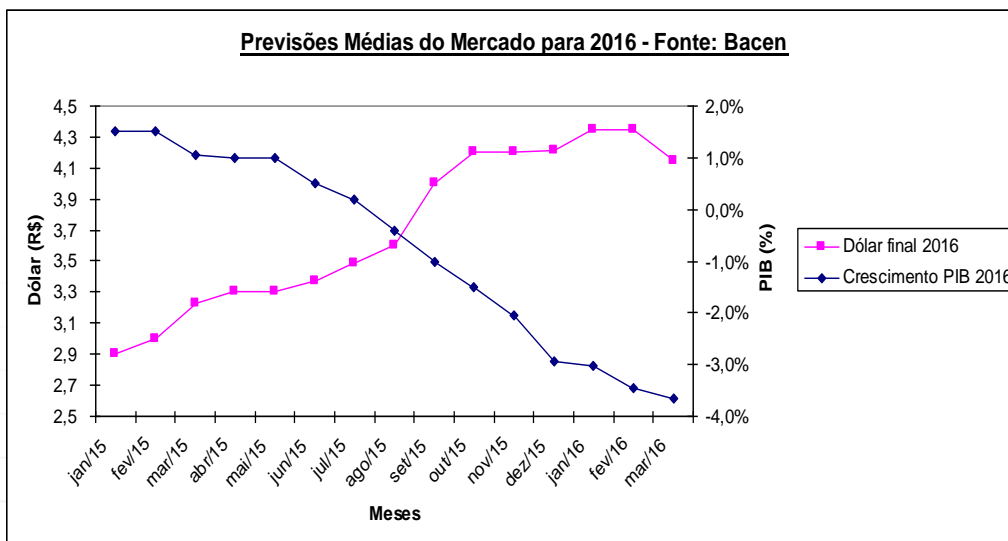
Indicadores	2015	2016	Var. %
IPCA em 2016	5,60%	7,31%	31%
Dólar em final de 2016 (R\$)	3,23	4,15	28%
Var. PIB em 2016 (%)	1,05%	-3,66%	-449%

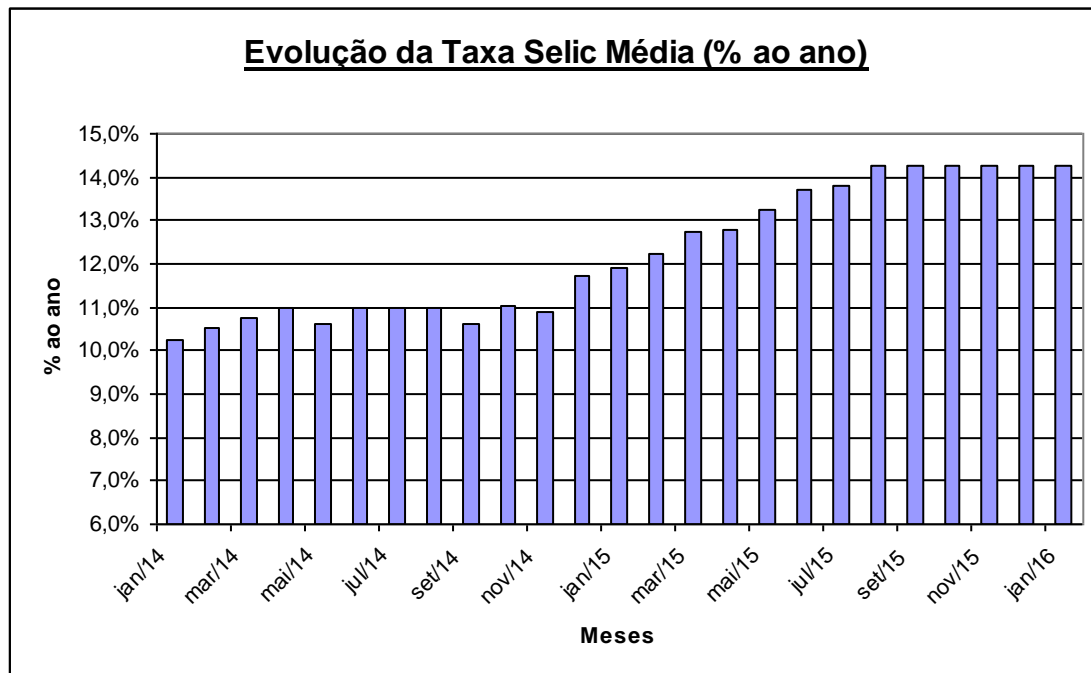
Fonte: Boletim Focus, Bacen

A seguir, gráficos selecionados com o comportamento de algumas dessas variáveis.

- ✓ Evolução do índice de confiança da indústria (ICI);
- ✓ Evolução do índice de confiança do comércio (ICEC);
- ✓ Cotação do dólar ao final de cada mês;
- ✓ Evolução das previsões médias (câmbio e PIB) para 2016;
- ✓ Taxa de juros Selic (valores anualizados).







Não há nenhuma novidade em dizer que, em 2015 e nesse início de 2016, os números econômicos do País continuaram ruins. Os indicadores são diversos.

Entretanto, um aspecto importante registrado nesse último mês foi a existência de novos fatos políticos, sinalizando uma possível diminuição no grau de incerteza da economia em um prazo mais curto. Em consequência disso, houve cenário mais favorável em alguns números econômicos, como o comportamento do dólar comercial, que teve queda expressiva em março.

Agora, a expectativa dos agentes econômicos é que, a partir do segundo semestre de 2016, haja também melhora em outros indicadores (ou, pelo menos, diminuição nas perdas registradas e acumuladas nos últimos tempos).

4. Análise do setor de seguros

4.1. Receita de seguros

Observaremos agora a análise do comportamento de algumas variáveis do setor de seguros. Inicialmente, a evolução da receita.

**TABELA 6 – FATURAMENTO DO SETOR – MENSAL
VALORES EM R\$ BILHÕES**

Valores	out/15	nov/15	dez/15	jan/16	fev/16
Receita de Seguros (1)	7,727	7,554	8,872	7,711	7,228
Receita VGBL + Previdência	6,623	9,166	13,502	6,502	7,021
Receita Total de Seguros (sem Saúde)	14,350	16,720	22,374	14,213	14,249

(1) Sem saúde

**TABELA 7 - FATURAMENTO DO SETOR – ATÉ FEVEREIRO
VALORES EM R\$ BILHÕES**

Valores	2015	2016	Var. %
Receita de Seguros (1)	14,7	14,9	1%
Receita VGBL + Previdência	12,3	13,5	10%
Receita Total de Seguros (sem Saúde)	27,1	28,5	5%

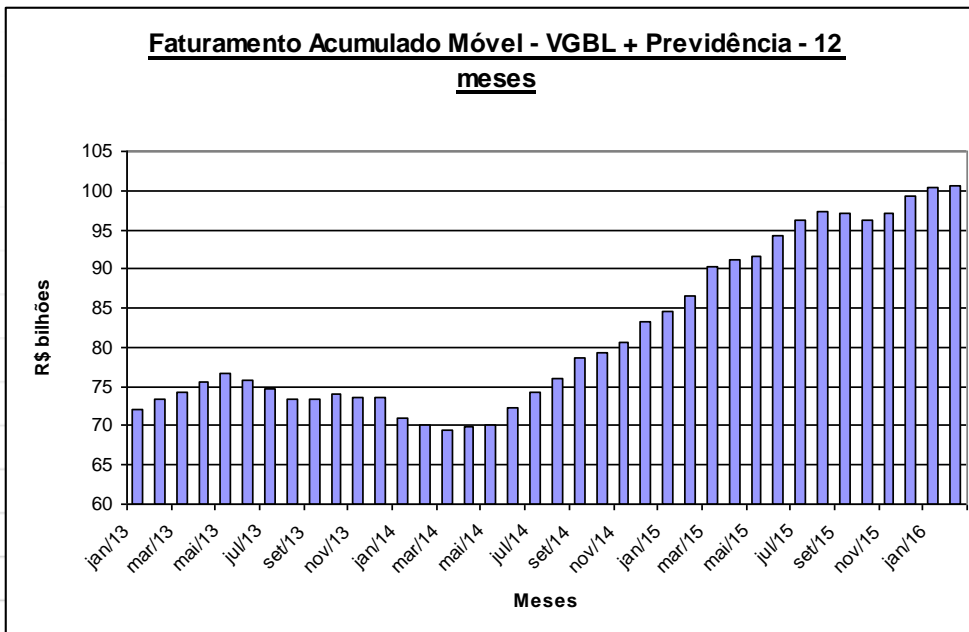
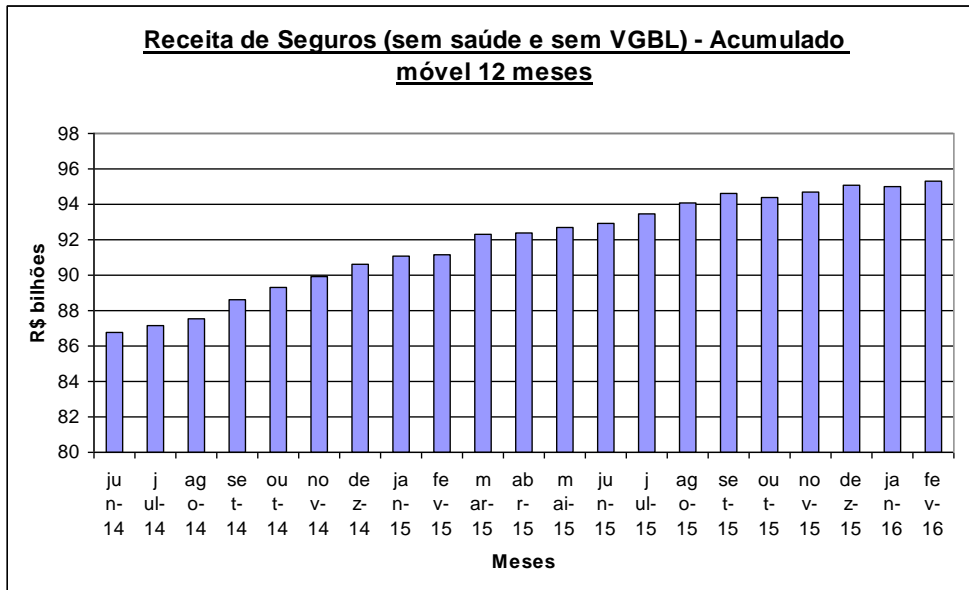
(1) Sem saúde

O ano de 2016 começou com a mesma tendência do ano anterior. Ou seja, um comportamento assimétrico, com melhora concentrada nos produtos do tipo VGBL, de acumulação financeira, pouco vendido pelos corretores de seguros. Até agora, a variação total acumulada foi de 5%, quando comparada ao mesmo período do ano anterior, de R\$ 27,1 bilhões para R\$ 28,5 bilhões.

Quando extraímos os produtos de seguros desse total (por exemplo, levando em conta somente o ramo automóvel, de pessoas, residencial, empresarial, etc), mas ainda sem considerar as operações de saúde suplementar, a variação acumulada é bem menor, de mais 1%. Como comparação, em todo ano de 2015, esse mesmo número foi 5%, também positivo

Os valores de 2016 ainda não são suficientes para definir uma tendência definitiva para todo o exercício. De qualquer maneira, não podemos negar que os primeiros dados do ano não foram favoráveis. Ou seja, um valor bem abaixo da variação de inflação no mesmo período, que foi em torno de 10%.

A seguir, temos dois gráficos que ilustram a situação assimétrica mencionada, com o faturamento acumulado móvel 12 meses, dos ramos Seguros e VGBL+Previdência.



4.2. Receita de seguros por tipo

Segregamos a análise do faturamento do setor de seguros em duas opções: pessoas¹ e ramos elementares².

**TABELA 8 – FATURAMENTO DO SETOR – MENSAL
VALORES EM R\$ BILHÕES**

Valores	out/15	nov/15	dez/15	jan/16	fev/16
Receita de Pessoas	2,435	2,479	2,994	2,120	2,398
Receita de RE	5,292	5,075	5,878	5,591	4,830
Receita de Seguros	7,727	7,554	8,872	7,711	7,228

**TABELA 9 – FATURAMENTO DO SETOR – ATÉ FEVREIRO
VALORES EM R\$ BILHÕES**

Valores	2015	2016	Var. %
Receita de Pessoas	4,5	4,5	1%
Receita de RE	10,3	10,4	1%
Receita de Seguros	14,7	14,9	1%

Em 2016, a variação acumulada total de receita foi de mais 1%. Separando esse número por tipo de produto, os seguros de pessoas e ramo elementares tiveram a mesma variação de mais 1%. Até agora, a variação dos números está pequena. Em ambos os casos, houve perda para a inflação no período.

¹ Conforme já mencionado, sem o montante da receita do VGBL.

² Estão inclusos, por exemplo, os ramos automóvel, residencial, empresarial etc.

4.3. Receita de resseguro local e capitalização

Escolhemos dois outros segmentos importantes ligados ao setor de seguros: os mercados de resseguro local e de capitalização.

**TABELA 10 – FATURAMENTO DE OUTROS SETORES – MENSAL
VALORES EM R\$ BILHÕES**

Receita	out/15	nov/15	dez/15	jan/16	fev/16
Resseguro Local	0,610	0,652	0,818	0,640	n.d.
Capitalização	1,807	1,938	2,042	1,535	1,536

**TABELA 11 – FATURAMENTO DE OUTROS SETORES – ATÉ FEVEREIRO
VALORES EM R\$ BILHÕES**

Valores	2015	2016	Var. %
Receita de Resseguro Local*	0,5	0,6	23%
Receita de Capitalização	3,0	3,1	3%

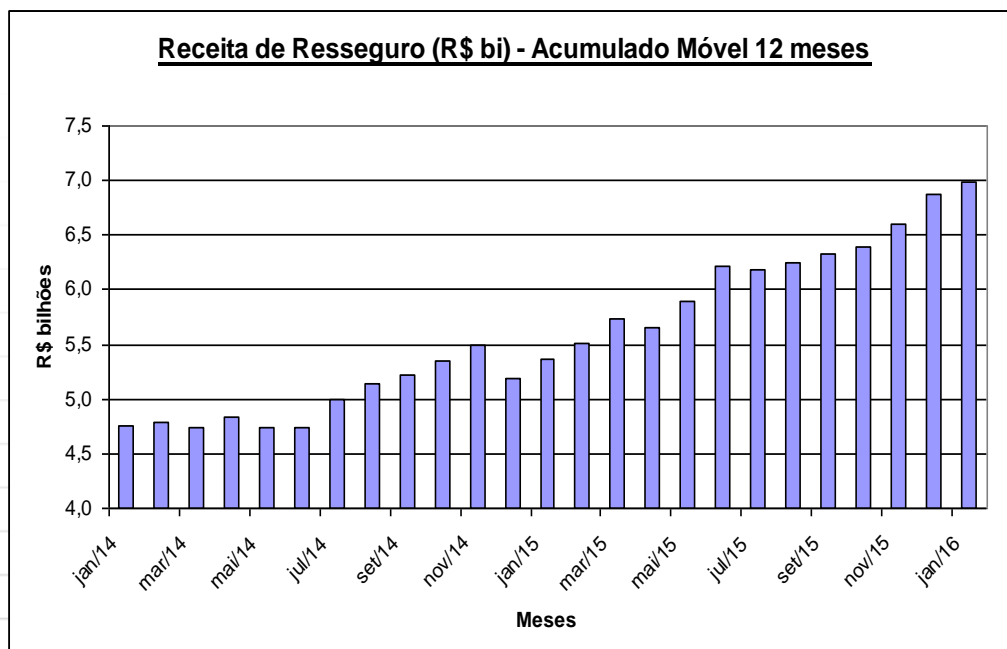
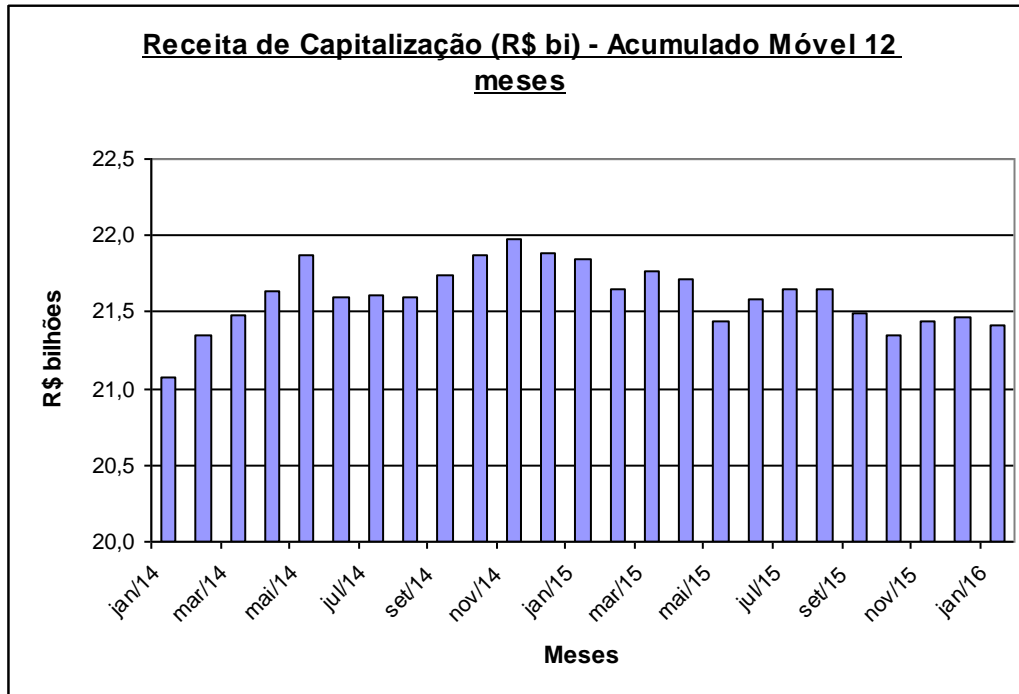
* Até janeiro.

Nesse primeiro mês de 2016, a evolução do segmento de capitalização continuou baixa, com queda nominal de 3%, quando comparamos ao mesmo período do ano anterior.

Nos últimos anos, esse segmento teve evoluções bastante expressivas. Ressalte-se que esse é um fenômeno análogo ao ocorrido em outros ativos populares da economia (caderneta de poupança, por exemplo, com mais saques do que depósitos).

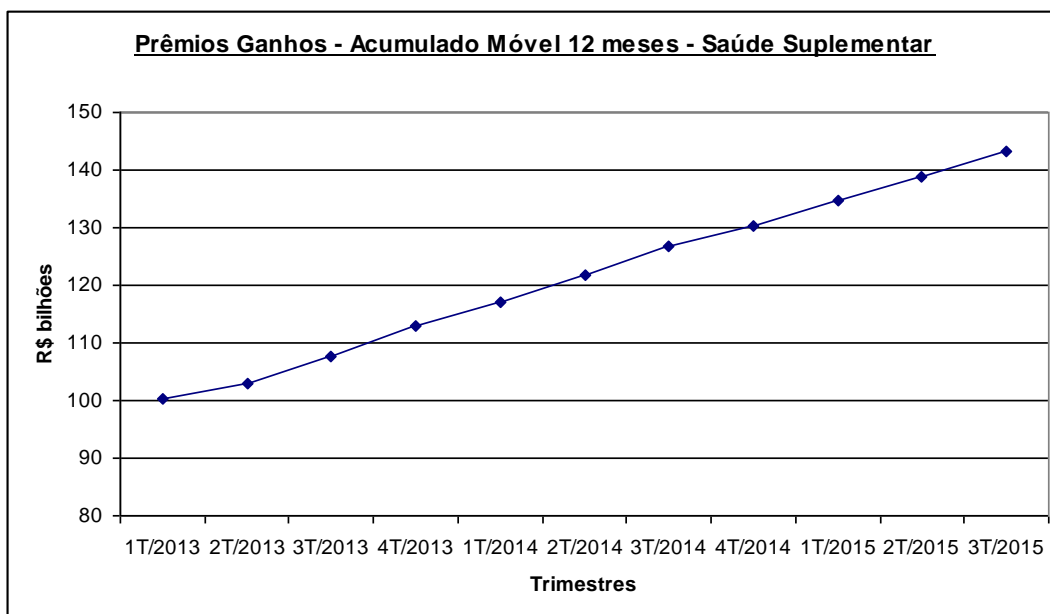
Por outro lado, a evolução do resseguro, embora sofrendo influência da receita de seguros, tem sido bastante favorável nos últimos tempos, por fatores próprios ao seu mercado, como a desvalorização cambial de 2015. Em 2015, o seu crescimento foi de 31%. Em 2016, a evolução continua positiva.

A seguir, gráficos com os faturamentos acumulados móveis 12 meses dessas duas contas, quando é possível avaliar e comparar a diferença de comportamentos desses mercados.



4.4. Receita do segmento de saúde suplementar

A seguir, apresentamos a receita acumulada móvel (Prêmios Ganhos) 12 meses de todo o segmento de saúde suplementar, com dados atualizados até o terceiro trimestre de 2015. Nesse caso, existe certa defasagem na divulgação das informações desse mercado específico, com dados até o terceiro trimestre de 2015.



Em termos de crescimento, a evolução desse setor tem sido relativamente uniforme, com um bom grau de correlação ao longo do tempo. Nos últimos anos, houve uma variação média de crescimento de 15% ao ano, com influência das taxas de inflação. Mas, em 2015, esse patamar dificilmente deve ser alcançado, ficando uns dois pontos percentuais abaixo do patamar já citado.

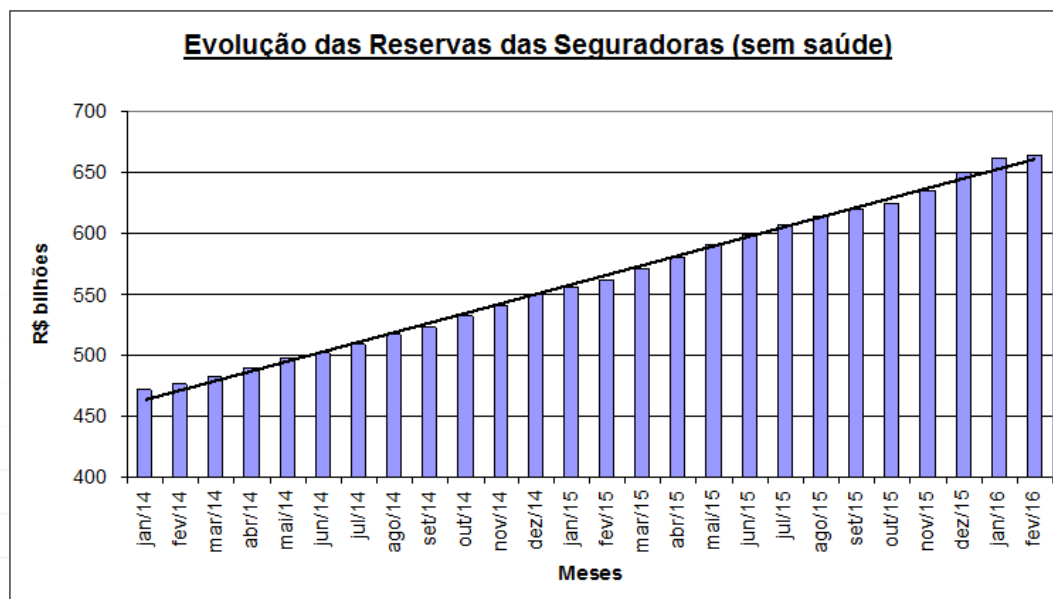
4.5. Reservas

A avaliação da evolução do saldo de reservas do setor de seguros considera também o segmento de capitalização.

TABELA 12 – RESERVAS – MENSAL – VALORES EM R\$ BILHÕES

Valores	out/15	nov/15	dez/15	jan/16	fev/16
Seguro	594	604	619	631	633
Capitalização	31	31	31	31	31
Total das Reservas	625	635	650	662	664

Abaixo, gráfico com a evolução das reservas, com os dados deste ano. O comportamento favorável se deve, sobretudo, à evolução do VGBL.



Observa-se que o grau de correlação linear dessa variável é alto ao longo do tempo. O valor das reservas, ao final de 2014, foi de R\$ 550 bilhões, com variação de 17% em relação ao ano anterior. Já em 2015, o valor foi de R\$ 650 bilhões, uma variação de 18% em relação ao ano anterior. Em 2016, o patamar deve ultrapassar o montante de R\$ 750 bilhões.

4.6. Rentabilidade do setor

As tabelas abaixo mostram a evolução do setor nos últimos anos. Inicialmente, a tabela 13 mostra os anos de 2013 e 2014. Por exemplo, o lucro líquido acumulado (seguradoras, resseguro local e capitalização) teve variação de 17% (R\$ 17,3 bilhões para R\$ 20,2 bilhões).

TABELA 13 – VALORES ACUMULADOS – ATÉ DEZEMBRO – R\$ BILHÕES

Lucro Líquido	2013	2014	Variação
Seguradoras	15,7	17,7	13%
Resseguro	0,3	0,7	154%
Capitalização	1,4	1,9	36%
Total	17,3	20,2	17%
Patrimônio Líquido	2013	2014	Variação
Seguradoras	72,0	75,6	5%
Resseguro	5,0	5,9	20%
Capitalização	5,1	4,0	-21%
Total	82,1	85,5	4%

Na tabela seguinte, os dados de 2014 a 2015, com queda na evolução do lucro. Os números de 2013 a 2015 indicam que houve queda na rentabilidade acumulada das empresas (17% para 10%). Em seguradoras, a variação foi um pouco menos intensa, de 13% para 11%. Apesar dessa variação, podemos dizer que o lucro líquido ficou parcialmente satisfatório, sobretudo devido às circunstâncias em que vive a economia. Como houve diminuição no Patrimônio Líquido acumulado do setor, isso acabou proporcionando uma taxa de rentabilidade (Lucro Líquido/Patrimônio Líquido) até mais favorável, nos valores totais das companhias.

TABELA 14 – VALORES ACUMULADOS – ATÉ DEZEMBRO – R\$ BILHÕES

Lucro Líquido	2014	2015	Variação
Seguradoras	17,7	19,7	11%
Resseguro	0,7	0,9	38%
Capitalização	1,9	1,6	-13%
Total	20,2	22,2	10%
Patrimônio Líquido	2014	2015	Variação
Seguradoras	75,6	71,6	-5%
Resseguro	5,9	6,4	8%
Capitalização	4,0	3,5	-13%
Total	85,5	81,5	-5%

A tabela 15 mostra os dados até fevereiro de 2016, comparado ao mesmo período do ano anterior.

TABELA 15 – VALORES ACUMULADOS – ATÉ FEVEREIRO – R\$ BILHÕES

Lucro Líquido	2015	2016	Variação
Seguradoras ³	3,2	3,0	-7%
Resseguro*	0,0	0,1	525%
Capitalização	0,3	0,3	12%
Total	3,5	3,4	-3%
Patrimônio Líquido	2015	2016	Variação
Seguradoras	78,4	74,4	-5%
Resseguro*	6,0	6,5	10%
Capitalização	4,2	3,6	-14%
Total	88,5	84,6	-5%

* Até janeiro

Embora ainda sejam poucos, o que dificulta uma conclusão mais precisa, a rentabilidade média do setor em 2016, até agora, está com leve queda, em termos nominais. Mas, como já comentado, é necessário haver mais dados para que se caracterize uma tendência.

5. Previsões

O comportamento da economia tem influência direta no mercado de seguros³. Assim, a hipótese é de que o segmento irá perder pela queda do PIB, mas, por outro lado, terá obtido ganhos (em termos nominais) pelo aumento da inflação. Isso proporcionou certa compensação em algumas variáveis. Assim, temos na tabela abaixo as seguintes projeções para 2016.

**TABELA 15 – ESTIMATIVAS PARA 2015 E 2016
VALORES EM R\$ BILHÕES**

Receita	2013	2014	2015e	2016e	Var. 13/14	Var. 14/15	Var. 15/16
Seguros	82,8	90,7	94,9	102	10%	5%	8%
Saúde Suplementar	112,8	130,4	146,0	161	16%	12%	11%
Seguros e Saúde Supl.	195,6	221,1	240,9	264	13%	9%	10%
VGBL+Prev	73,5	83,3	99,4	113	13%	19%	14%
Total do Segmento	269,1	304,4	340,3	377	13%	12%	11%
Capitalização	21,0	21,9	21,4	23	4%	-2%	6%
Resseguro Local	4,7	5,2	6,5	8	11%	25%	16%
Total dos setores	294,8	331,5	368,2	407	12%	11%	11%
Reservas em dez	2013	2014	2015e	2016e	Var. 13/14	Var. 14/15	Var. 15/16
Total	469	550	650	754	17%	18%	17%

Em 2015, o segmento de seguros (sem as operadoras de saúde) cresceu 5%, abaixo do valor de 2014, que foi de 10%. Em 2016, a projeção atual é de um crescimento de 8%. Quando consideramos também os produtos das operadoras de saúde, esse valor deve chegar a quase 10% de variação em 2015, próximo ao número previsto para 2016.

Quando consideramos também os produtos do tipo VGBL, a variação deve atingir em 2015 um número próximo ao de 2014, mas agora vivendo uma realidade inflacionária diferente (isto é, mais elevada). Em 2016, essa estimativa de variação permanece. Na média, em torno de 11%. Em 2015, as reservas tiveram a mesma taxa de variação de anos anteriores. Ou seja, acima de 15% ao ano. Esse número é estimado também para 2016.

³ Detalhes sobre o crescimento da participação do seguro na economia:
http://www.ratingdeseguros.com.br/pdfs/92_Curva_S_em_Seguros_06-01-2012.pdf

REALIZAÇÃO:

SINCOR | **SP**

Sindicato dos Corretores de Seguros no Estado de São Paulo
www.sincorsp.org.br



Rating de Seguros Consultoria
www.ratingdeseguros.com.br